



O JOGO DIAGNÓSTICO

Chega-se a um diagnóstico com muitos conhecimentos, alguma intuição e um pouco de sorte; o que não difere significativamente do que acontece com qualquer jogo interessante. De facto a postura do clínico perante o desafio de descobrir a doença assemelha-se muito à do jogador confrontado com a escolha da melhor estratégia para resolver o problema.

Como no jogo ou se ganha ou se perde. E se há que ficar orgulhoso e satisfeito com a vitória, há também que ter a humildade e a sabedoria de conseguir tirar satisfação das derrotas. Porque a correcção de um diagnóstico errado, embora bem elaborado, é sempre um ensinamento. Porque esse ensinamento fica desde logo disponível para o futuro. Porque se chegou à verdade.

Entretanto este jogo também tem regras. Regras que subentendem conhecimentos acumulados ao longo de anos de leitura aturada e exercício esforçado que visam maximizar a utilização dessa leitura e dessa experiência na prática clínica diária. Porque só se diagnosticam as doenças que se reconhecem. O que implica conhecer bem, muitas. É talvez a primeira regra. Outras se poderão alinhar. Aceitemos o frequente antes do raro e mais vezes as manifestações invulgares do comum que as manifestações comuns do invulgar; tentemos ser abrangentes, económicos e sintéticos nos nossos diagnósticos; relacionemos o passado com o presente; recordemos a frequência com que uma manifestação congénita é acompanhada de outras; tenhamos presentes sintopias e distopias; saibamos que mais vale errar com argumentos que acertar ao acaso.

É ao entrar neste jogo, queiramos ou não, estamos logo à partida a correr o risco de errar de uma de duas maneiras: rejeitando uma hipótese quando ela é verdadeira ou aceitando uma hipótese quando ela é falsa. A probabilidade de erro reduz-se a par e passo com a nossa progressão no caminho do diagnóstico. E será nula só com o diagnóstico correcto, com a verdade obtida.

Mas não percamos de vista a finalidade do jogo: diagnosticar, o que quer dizer distinguir ou discernir. É primeiro coligir os dados obtidos pela história clínica complementados pelos meios auxiliares disponíveis. É depois analisá-los, valori-

zando-os e seleccionando as doenças que os integram. É por fim rever tudo à luz do diagnóstico escolhido. É no fundo saber interpretar. Só que enquanto que os sinais são pequenos e mensuráveis as interpretações não têm limites.

Há muitos e muitos anos, os Saoras, povos primitivos da Índia, pediam aos doentes que segurassem um prato cheio de óleo no qual acendiam um pavio. O médico deitava grãos sobre a chama e a cada grão proferia o nome de um espírito. O primeiro grão que ardesse indicava o espírito que provocava a doença.

O método diagnóstico era então objectivo e prático; as conclusões eram tão evidentes para o médico como para o doente; não era necessária a acumulação de conhecimentos nem o recurso á razão. Bastava a magia.

F. LACERDA NOBRE